

## *A Tartaruga de Bob Wilson, de Pedro Teixeira Neves*

Glaciar, Lisboa, 2018.

**Maria João Cantinho**

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

**e-mail: [mjcantinho@gmail.com](mailto:mjcantinho@gmail.com)**

*[...] e porém o problema não é enquanto pudermos dizer senão quando já não soubermos falar [...]*

Pedro Teixeira Neves, “O Fósforo de Deus”, p. 24.

Pedro Teixeira Neves estreou-se na poesia com *Chiasco* (2006), nas edições Quasi. Tem dois romances publicados, um livro de contos e três livros de poesia (para além dos citados), além de vários livros no domínio do infanto-juvenil e um texto dedicado à fotografia. Participou ainda em várias colectâneas. Em 2018, publicou *Uma Vírgula Depois* (editora Glaciar), escrito a meias com Ivo Machado e, no mesmo ano, saiu *A Tartaruga de Bob Wilson*, igualmente pela mesma editora. É curioso notar que a sua obra poética nunca teve recepção crítica, não obstante a sua qualidade evidente e a singularidade da sua voz.

Podemos ver nesta obra como a presença da memória e da cultura literárias consolidam uma poética que estabelece permanentemente um diálogo com obras e autores da literatura universal, com o cinema, além de uma atenção constante à observação do quotidiano. A palavra aparece aqui como “um movimento do coração” (Neves, 2018: 9) que procura dar conta de uma fidelidade ao real,

como diz o poeta: “acompanhar o ritmo ser-lhe pontual/ eis o mais próximo que podemos ambicionar/ de uma ideia de permanência” (Neves, 2018: 9). Não fosse a transitoriedade das coisas e do seu movimento ser intrínseco ao pulmão da palavra, então poderíamos falar de eternidade, o que o poeta sabe não passar de uma ilusão. É justamente no primeiro poema, “Bovary”, que adivinhamos o gesto programático: “ensaiar o verso perfeito/ o poema translúcido fruto ou cristal/ como prova da sua impossibilidade [...]” (Neves, 2018: 9). O ensaio é menos para alcançar a translucidez do poema, que se sabe impossível, mas essencialmente para “ambicionar/ construir um sentido para a melancolia [...]”. Aliás, essa construção já se encontra implícita no uso da paráfrase de Raul Brandão, com que o poeta abre o livro: “E ainda o que nos vale são as palavras,/ para termos a que nos agarrar.” (Neves, 2018: 7). Ideia que o autor retoma no poema “Sandokan”, quando diz: “a realidade não é poética/ por isso o poeta é um excluído/ sombra adejante no espelho da vida” (Neves, 2018: 42). O traço da melancolia perpassa todo o livro, onde a poesia se alimenta de uma pretensão ao “traço perfeito do tempo” (Neves, 2018: 42). Mesmo se os poemas são, neste livro, escritos na primeira pessoa, Pedro Teixeira Neves acentua uma constante reflexão sobre o fenómeno poético (e sobre a acedia) nesse movimento de desaceleração, que dá o mote ao próprio livro, no poema “A Tartaruga de Bob Wilson”:

Escrever escrever pois sim  
mas saber realmente o que dizer não interessa  
interessa ser a tartaruga sem o saber  
interessa o poema enquanto acontecer  
ao poema não interessa o tempo  
nem para onde o tempo vai  
ou mesmo se vai a tempo de o ser

interessa ser a tartaruga  
e reservar quando muito alguns instantes  
para a meio da cena parar e apenas  
perguntar perguntar perguntar (Neves, 2018: 4).

Sabendo-se que um dos gestos mais exuberantes do *dandy* do século XIX – essa figura do melancólico por excelência - era passear uma tartaruga, compreendemos a escolha do animal, não apenas para a encenação de Robert Wilson, como também para o poeta, que se apropria da metáfora da tartaruga para falar do poema, inspirado na cenografia de Wilson. A lentidão do pensamento (e do poema), tal como a da tartaruga, é uma das características fundamentais do melancólico que, ensimesmado, se demora na contemplação e no questionamento do sentido da vida. Como se nessa suspensão do tempo, ou na sua desaceleração, houvesse um outro modo de temporalidade, poderíamos dizer uma dobra que permite o acesso à compreensão do fenómeno da vida, essencialmente a partir da ruína, e é aqui que se ancora também o gesto do melancólico.

Victor Hugo, na sua obra *Les Travailleurs de la Mer*, pronunciava assim o seu paradoxo: “A melancolia é a felicidade de estar triste” (Hugo, 2002: 253). A exaltação de um mundo onírico, assombrado, veja-se o belíssimo poema “O Corvo” que corresponde a essa felicidade paradoxal, pela convocação da figura alegórica do corvo: “sim a solidão veste poesia/ e eu sou tão distante em mim/ vem noite vem vestir-te com o meu corpo/ vem perder-te no teu próprio fim.” (Neves, 2018: 31). Há uma luz saturnina neste poema, que é a sua força motriz e atravessa todo o livro, marcado por *topoi* que constroem entre si linhas rizomáticas, a partir das quais esta obra pode ser lida: a noite, a solidão, a morte, a decadência, a distância que se interpõe entre o sujeito e o mundo. Assinale-se aqui a construção de um universo alegórico, o qual reflecte o espírito melancólico e a sua tentativa de dar sentido à melancolia. Porém, paradoxalmente, vislumbra-se também um secreto comprazimento, uma embriaguez que a poesia transporta consigo e que conduz a uma libertação, num movimento de ascensão, de que nos fala Nancy, na sua obra *Ivresse* (Nancy, 2013: 37). Esta condição, que constitui o próprio cerne de uma “poética alegórica”, aparece em poemas como “Fracassar” ou “Ismael” de uma forma explícita, quando o poeta fala do “poema como negro cão ladrando ao invisível” (Neves, 2018: 62) ou da “manhã acordando para o obscuro/ nas páginas mais íntimas da noite” (Neves, 2018: 62). E o secreto desejo do melancólico, o de exaltar a vida naquilo que ela foi, na sua paixão convulsa, exprime-se claramente no “Terceiro Sonho de Descartes”: “por isso uma linha me basta/ um só verso seja magma ou equívoco/ mas nisso faço ponto de honra/ procurar uma linha de luz/

por entre os escombros da vida.” (Neves, 2018: 62).

Tal como o poeta diz no poema da tartaruga, que atravessa lentamente o palco, também aqui metáfora da vida e da sua spectralidade, ela é “alheia ao teu próprio atravessar de cena/ como quem se retira para um não lugar” (Neves, 2018: 15). De que “não lugar” falam estes poemas, já que a transcendência não assiste a esta poética? Eu arriscaria falar de limiar ou de lugares de passagem, mais uma vez desenhando-se aqui um dos núcleos temáticos desta obra, conferindo-lhe uma dimensão onírica.

Como já o escrevi, a propósito de *Uma Vírgula Depois* (Cantinho, 2019)<sup>1</sup>, um livro escrito a quatro mãos com o poeta Ivo Machado, o universo poético de Pedro Teixeira Neves é denso e marcado pela ausência de Deus, uma luta permanente entre a luz e a noite, como se revela no poema “Terra Infértil”:

luto  
e caminho sobre o verso periclitante  
entre a luz antiga e a sombra que há-de cair  
como uma cegueira infinita  
filho que se entrega ao destino  
escrevo o que resta da minha transcendência  
de homem filho de homens e do além [...] (Neves, 2018: 57).

A condição do fracasso ou a do homem abandonado por Deus espelha-se ainda no modo como evoca o velho Ohlsdorfer, do filme *O Cavalo de Turim*, de Béla Tarr, ou de Joseph, personagem de Kafka:

luto e olho a janela obscura do dia  
como ohlsdorfer sonhando a realidade por entre a tempestade  
sou joseph e como e bebo e rego a terra e amo a árvore  
acreditando ainda num deus desconhecido [...] (Neves, 2018: 57).

---

<sup>1</sup> “Como o suco dos frutos caídos nesse tempo” in <https://revistacaliban.net/como-o-suco-dos-frutos-ca%C3%ADdos-nesse-tempo-19dc491b8ae3> (consultado a 28 de julho de 2019).

Se há um traço comum entre as personagens que povoam *A Tartaruga de Bob Wilson*, nesse complexo jogo de vozes a que se entrega o poeta, é a sua busca de redenção ou de libertação da sua condição de seres melancólicos e prisioneiros do destino. Num mundo assombrado, nem que seja pela violência irreduzível do quotidiano, tão banalizada que nos transforma em seres apáticos face às imagens de horror assolando-nos diariamente, resta ao poeta o dizer, quando ainda é possível falar. No poema “O fósforo de Deus”, Pedro Teixeira Neves refere-se à fragilidade das palavras, “débeis testemunhas destes tempos/ em que a morte se passeia/ furtiva pela noite das televisões” (Neves, 2018: 24), diagnosticando que “o problema não é enquanto pudermos dizer/ senão quando já não soubermos falar.” (Neves, 2018: 24). Por isso, a tragédia é a da impossibilidade da fala e do poema, a do silêncio calando o horror, como se fosse dele cúmplice. O poema, ou a tartaruga, caminha em modo lentíssimo, na saída de si e em direcção ao outro, para parafrasear a expressão de Celan (Celan, 2002: 57), mas esse é ainda o traço possível do mundo, pois “quem escreve não precisa de um rosto/ são os poemas que deixam rasto” (Neves, 2018: 48) e “o ar como escreveu steiner/ está carregado de ecos” (Neves, 2018: 48). São pois esses “ecos”, murmúrios ou imagens que nos assaltam e nos pedem que lhes emprestemos a voz, dando corpo ao que já não tem rosto, mas foi outrora vida, aquela que o melancólico anseia resgatar.

## **BIBLIOGRAFIA**

Cantinho, Maria João, 2019, “Como o suco dos frutos caídos nesse tempo”, *Revista Caliban* in <https://revistacaliban.net/como-o-suco-dos-frutos-ca%C3%ADdos-nesses-tempo-19dc491b8ae3> (consultado a 28 de julho de 2019).

Celan, Paul, 2002, *Le Méridien et Autres Proses*, Paris, Editions du Seuil.

Hugo, Victor, 2002, *Les Travaillleurs de la Mer*, Paris, Editions du Seuil.

Nancy, Jean-Luc, 2013, *Ivresse*, Paris, Rivages.

Neves, Pedro Teixeira, 2018, *A Tartaruga de Bob Wilson*, Lisboa, Glaciar.